



# DOMINGO



## Santo de casa faz milagre

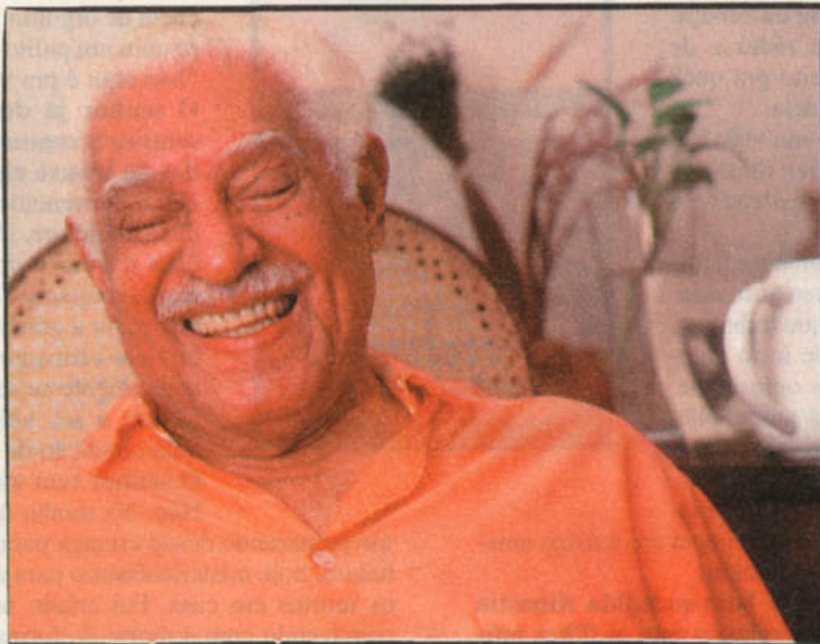
Os brasileiros que podem ser canonizados, como a carioca Maria José de Jesus

# Ôôô! Vida dura...

por ANA MADUREIRA DE PINHO

Fotos de Marco Terranova

Gilberto Gil apelidou-o de *Buda Nagô*. Chico Buarque aproveitou a música *Paratodos* para receitar: *contra fel moléstia e crime/ use Dorival Caymmi*. Às vésperas de completar 82 anos (dia 30), o compositor Dorival Caymmi é uma espécie de guia musical de todas as gerações. Unanimidade inteligente que, além de músicas que formam a alma da MPB, gerou três novas estrelas do meio – os filhos Nana, Dori e Danilo. Motivos de orgulho não faltam para esse baiano que não esconde de ninguém seu gosto pela preguiça – “uma receita para viver mais e viver em paz”, declara. Na próxima quin-



ta, o patriarca sobe ao palco do Canecão no show do filho Dori, que abre o Heineken Concerts. Sem camisa, confortavelmente instalado numa cadeira de balanço de frente para a janela de seu apartamento em Copacabana, Caymmi – que não dava entrevista há dois anos – recebeu a **Domingo** e, como sempre, se mostrou um grande conta-

dor de histórias. Elogiou a “prole alegre e amiga”, mas queixou-se de interpretações recentes de suas músicas que “estão longe de levá-lo ao delírio”. Compor, para ele, “é como encontrar um brinco perdido enquanto se arruma uma gaveta”. Vão aqui os votos de que ele encontre ainda muitos brincos...

**O senhor sempre se recusou a entrar no esquema das gravadoras de produção em série e é capaz até de ficar quase 10 anos sem compor, como agora. Ainda assim é um dos nomes mais expressivos da MPB. Como conseguiu ter sucesso sem abrir mão desse jeito zen de ser?** Não corro atrás do sucesso. Simplesmente faço o meu trabalho, no meu tempo, e espero o resultado. Vivo do resultado e não da intenção de sucesso. Se der certo, maravilhoso. Se não, o negócio é sair para outra, com a sensação de integridade. Agora quando a gente faz o que gosta e é premiado com o gosto alheio é uma dádiva. E isso é o que vem acontecendo comigo ao longo de quase 60 anos.

**Dorival Caymmi é um preguiçoso confesso. Quais são as vantagens de se entregar à preguiça?**

Vive-se mais e em paz. O artista precisa do esconderijo, sentar na beira da calçada, se realizar através do olhar para as pequenas coisas. Sou preguiçoso com muito prazer. É a natureza humana. Quando se chega em cima de

uma prancheta para esboçar uma casa ou um chalezinho à beira de um riacho, a gente primeiro senta. É preciso repousar para que a cabeça comece a trabalhar. Vivo há 58 anos em área de risco (*no Rio*) e nunca tive estresse.

**Continua a viver entre a casa em Rio das Ostras e o apartamento de Copacabana?**

Existe um colegiado que decide por mim: a minha família. Ultimamente tenho ficado mais no Rio. Daqui a pouco, se a família permitir, vou passar uma temporada em Rio das Ostras.

**Tem ido à Bahia?**

Vou eventualmente. Mas a Bahia não é mais a mesma. Quando vou pra lá, dou uma de artista plástico amador e fico tentando mudar o visual dos lugares. Uso a imaginação. Olho para as ruas e penso nelas sem automóveis, prédios. Assim, resgato um pouquinho da minha Bahia. Mas ainda existem lugares intocados, que guardo no coração, como uma parte de Brotas, bairro de chácaras. É um

pedaço da minha infância. Dá uma dorzinha, mas é inexorável. Não moraria hoje na Bahia de jeito algum.

**O senhor veio para o Rio dia 1º de abril de 1938. As pessoas de Salvador acreditavam na sua viagem?**

Todos achavam que era mentira. Quem me levou no cais para pegar o meu Ita, o navio Itapé, foi o Zezinho, um amigo de infância, e papai. Vim morar no Rio porque sonhava com a faculdade de Direito. Depois me tiraram essa idéia da cabeça. Falavam: "Aqui é terra de rádio e de futebol, você vai fazer Direito pra quê? Só lhe restará a porta de cadeia..."

**Como a música entrou na sua vida? O senhor chegou a ser auxiliar de escritório, vendedor praticista, ilustrador e até repórter...**

Ficar desocupado era vergonha na família. Logo que acabei o curso primário, meu pai disse que eu tinha que trabalhar. Já gostava muito de ler e de ir ao cinema. Mas para não ficar na ociosidade, comecei a vender coisas na praça. Não sei direito quando comecei a compor. Desde pequeno já fazia algumas letras. Ainda no primário. Sempre ouvia mamãe cantar, tinha uma voz linda. E papai era músico amador. Tocava bandolim, piano e violão.

**A família Caymmi é a mais bem-sucedida dinastia musical brasileira. Como é a relação com os filhos músicos, Nana, Dori e Danilo? A música está no sangue?**

A relação é a melhor possível. Morro de orgulho do trabalho dos meus filhos. Dori e Danilo são excelentes músicos e a voz da Nana tem momentos encantados. É divina. Esta herança musical é um misto de sangue com berço, educação. Os três foram criados num ambiente muito musical. A casa vivia cheia de gente tocando, cantando, mostrando novas composições...

**O senhor já disse que Dona Stella, sua esposa, era a melhor cantora da família. Tem vontade de trazê-la aos palcos?**

Quem me dera ter esse poder! Já fiz muita força para isso. Depois os filhos começaram a ajudar. Mas nunca conseguimos. Ela gravou *Acalanto*, que fiz para ninar a Nana. Dizia: *Boi, boi, boi / boi da cara preta / pega esta menina / que tem medo de careta*. Na voz dela, ficou divina.

**Qual a expectativa de cantar como convidado ao lado do filho Dori, na próxima quinta-feira, na abertura do Heineken Concerts, no Canecão?**

Não tenho a menor idéia do que vai acontecer no show. Quero fazer uma surpresa para mim mesmo.

**E quando o senhor volta a fazer um show solo?**

Hoje sou apenas um participante. Pela idade, tenho me poupado para as outras graças da vida. Participo dos shows da família, dos amigos, mas não quero me esgotar num show meu. Me dá cansaço só em pensar.

**Quais são essas "outras graças da vida"?**

A música, a leitura – adoro reler os clássicos –, passear na praia de Rio das Ostras, reencontrar velhos amigos e, sobretudo, a família, uma prole que me enche de alegria. Há meses, encontrei na praia, numa gravação para TV, Chico



**"Posso confessar uma coisa? Não sei nem nadar direito. Só nado 'cachorrinho'. O mar me inspira porque sou contemplativo"**

Buarque, figura queridíssima que não tenho oportunidade de ver sempre. Fiquei feliz um ano inteirinho por conta disso.

**Como é sua relação com os bisnetos?**

É a maior graça da minha vida. Marina, de 8 anos, me ajudou muito a entrar na casa dos 80. Minhas bisnetas têm premonições mágicas, tudo muito natural, como de fato as coisas são. Nós é que falsificamos tudo. Guardo até hoje um presente que Marina me deu pequenininha, cheia de orgulho: uma caixinha de fósforo com um palito riscado dentro. E disse: "Isto aqui é pra você, vovô." (Risos)

**O senhor já declarou que a idade é sempre a mesma. Mas entrar na casa dos 80 trouxe alguma nova sensação?**

Estou convencido de que esta coisa de idade é folclore. Descobri que a melhor idade é a partir dos 4 anos. Aos 81, apenas acompanho a evolução dos costumes: caiu a gravata, caiu o terno, os antibióticos esticaram a vida humana. Quem antigamente se sentia velho aos 50 anos passou a ser velho indefinidamente. É uma condição de espírito.

**O senhor tem medo da morte?**

Não. Na minha família tive a sorte de ir me preparando desde criança para a morte. Pois existia o hábito, hoje misteriosíssimo para muita gente, de se velar os mortos em casa. Fui criado nesse ambiente, sempre convivendo com a morte de forma familiar. Cresci encarando a morte como uma outra dimensão da vida.

**Ainda é adepto do candomblé?**

Sim. Faz parte das minhas raízes. Da minha vida de criança em Salvador, convivendo com empregadas baianas, de saias rodadas, netas de escravos, com o cheiro de ervas, de dendê. Fui atrás do candomblé por curiosidade, junto com intelectuais como Jorge Amado e Caribé.

**Como era a relação com Mãe Menininha, que ganhou uma bela canção sua?**

Mãe Menininha me conquistou no dia em que cheguei lá e ela disse: "O senhor está vendo aquela árvore ali? Fiquei horas, esquecida, conversando com ela." Existe algo mais repousante do que ouvir isto? Quando a conheci já estava muito idosa, andava com dificuldade, mas vivia sempre cercada dos amigos. A música que fiz pra ela foi espontânea. Falaram coisas absurdas dessa canção. Inclusive que a fiz com intuito comercial, sem dar um tostão a ela. Fofocas vulgares. A música foi feita por uma questão de amor, um caso de idolatria.

**Como é o processo de criação de Dorival Caymmi?**

Faço música quando me apetece. Tenho um repositóriozinho, que não sei onde fica, com infinitos temas. De repente, estou de bobeira, ouço um som, uma palavra, e nasce a idéia. No caso de *Marina*, o inspirador foi o Dori. Ele era um gurizinho e tinha mania da expressão "tou de mal com você". É como quem arruma a gaveta e sem mais nem menos encontra um brinco perdido há dois, três anos.

**E o senhor adorava compor viajando de ônibus?**

Descobri achados musicais dentro de ônibus ou andando a pé. Outro lugar que me inspirou muitíssimo, num momento em que sequer pensava em ser artista, foi a praia de

Itapoã, na época um vilarejo de pescadores. No Rio, o meu trecho de sonho ficava entre a Praça Mauá e a Rua do Ouvidor. Costumava andar por ali à noite, por volta das 22h, 23h. Sentia uma solidão distraída, vislumbrando de longe a Cinelândia, vazia, perdida na noite.

#### **Qual a música que demorou mais tempo a ser composta?**

**João Valentão.** Foram nove anos. Primeiro imaginei o personagem num quadro. Aí começou a surgir a primeira fase da letra: *João Valentão é brigão / pra dar bofetão / não presta atenção/ e nem pensa na vida/ a todos João intimida / faz coisas que até Deus duvida / mas tem seu momento na vida.* A segunda parte da letra, que é absolutamente romântica, só foi surgir um dia quando estava voltando pra casa de ônibus.

#### **João Valentão era personagem real?**

Era. Foi inspirado num pescador que tinha o apelido de *Carapeba*, nome de um peixe. Perguntava muito para ele sobre pescaria, barco etc. E ele respondia: "Se você quer saber como é, passe um dia no mar comigo." Caí na besteira de combinar isso com ele. *Carapeba* me cobrava sempre. Passava por mim nas horas mais impróprias, quando estava todo arrumadinho, fazendo charme para as meninhas, e falava: "Seu preguiçoso, não disse que ia para o mar? Você não é de nada mesmo!" (*Risos*)

**Há quem diga que o senhor nunca teve uma relação de intimidade com o mar, embora o mar pareça ser o grande inspirador de Dorival Caymmi...**

Posso confessar uma coisa? Não sei nem nadar direito. Só nado *cachorrinho* (*risos*). Aqui em casa, os grandes pescadores são Dori e Danilo e a pescadora maior é a Stella. O mar me inspira porque sou contemplativo. Se você imaginasse as sensações que tenho quando olho os dois azuis, do céu e do mar, se encontrando no horizonte...

#### **O senhor sempre foi contemplativo?**

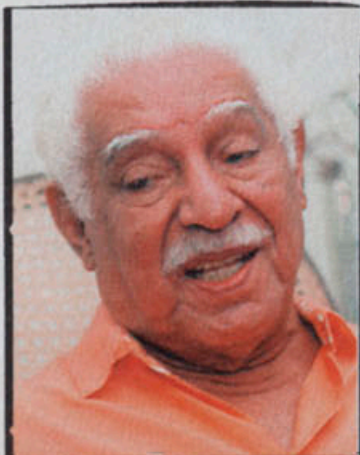
Desde criança. Vivía sumido, no quarto, no fundo do quintal, sob a jaqueira, longe do tumulto da casa grande. Não era solitário, mas sempre encontrava um jeito de escapar para ir atrás das minhas procuras, minhas fantasias. Sua última composição foi *Maricotinha* (de 1987), gravada em parceria com Tom Jobim no disco *Antônio Brasileiro*. Sente saudades do Tom?

Não me dou o direito de sentir saudades porque guardo a fantasia de que o Tom não morreu. A nossa relação era um caso de amor. Divido essa saudade com milhões de pessoas, mas faço questão de manter minha parte intacta.

#### **Qual o segredo de conseguir um reconhecimento universal a partir de um trabalho com marca regional?**

Quando a música é autêntica, feita realmente para o povo, ela fica. A minha primeira emoção como compositor foi quando ouvi, em 1939, um sujeito na rua cantando *O que é que a baiana tem*, depois de ver Carmem Miranda no cinema. Foi uma sensação única.

**Há quem diga que Carmem Miranda não teria sido a mesma sem as antológicas canções de Dorival Caymmi. Como era a sua relação com ela?**



**"Não me dou o direito de sentir saudades do Tom porque guardo a fantasia de que ele não morreu. Nossa relação era um caso de amor"**

Um pouco antes de gravar essa canção, ela me disse que abandonaria a carreira. Já trabalhava há 10 anos, tinha uma vida confortável, e queria casar com o Aloísio de Oliveira, seu assessor. De repente, com a minha música, ela ficou conhecida mundialmente. E comecei a ganhar a minha. Carmem foi a nossa primeira estrela, uma pessoa adorável.

#### **Como vê a música baiana hoje? Gosta da *axé music*, de Carlinhos Brown?**

Não tenho poder para avaliar a *axé music* pois não conheço suas origens. Também não conheço o trabalho nem a pessoa de Carlinhos Brown. Sei que é popularíssimo. Se é popular tem seu valor. Mas é outra geração, outro estilo, e não vale a pena aplaudir se o coração não pede. Seria me falsear. Isso não faço.

**Alguns expoentes dessa geração, como Daniela Mercury e Margareth Menezes, gravaram composições suas. Gostou das interpretações?**

Todo compositor tem ciúme do trabalho dos intérpretes. Quando a gente faz letra e música, queremos que ela seja cantada da forma que idealizamos. Só que cada um faz da sua maneira. O que nos resta

é a posição em cima do muro: aceitar. Mas essas novas interpretações estão longe de me levar ao delírio.

#### **Qual foi o melhor intérprete das canções de Caymmi?**

Eu mesmo (*risos*). Vou dar uma de modesto: acho que sou o melhor cantor das minhas músicas.

#### **A geração anterior, de Caetano, Gil, Gal e Bethânia, tem no senhor um mestre. Como vê o trabalho deles?**

Ah, são verdadeiras jóias. Faço questão de me deliciar com o trabalho deles como um ouvinte comum, o que me dá um prazer sublime. Caetano e Gil são duas das nossas maiores pérolas. Gal e Bethânia cantam lindamente.

#### **Ao longo de sua carreira, deu para ficar rico?**

Não. Mas vivo confortavelmente. Nunca pensei em ser rico. Melhor, nunca tive vocação para ser rico. Quando a gente passa dos 40 e ainda não se tornou rico, pode desistir. O que não me tira outras graças da vida. Aliás, muito dinheiro até atrapalha.

#### **Continua pintando? O escritor Rubem Braga declarou uma vez que o melhor retrato que tinha em casa era feito por Dorival Caymmi.**

Isso era onda dele. Ele dizia que tinha um lado diferente do outro e que eu era o único que tinha captado essa diferença. Sempre gostei de pintar, principalmente retratos. Pinte a família inteira e um dos quadros que mais gosto é da Stella, com os três filhos – na época, crianças – de perfil. Mas o meu maior orgulho foi o dia em que um amigo chegou em casa, olhou para a parede e perguntou se o quadro era do Portinari. Respondi: "Pode até ter influências, mas é meu mesmo..."

#### **Qual é a receita do bem viver?**

Gostar de si mesmo, sem egoísmo, apreciar as pessoas em volta, cuidar da saúde mental e física, gostar dos seus horários, não ficar melancólico, mas guardar na lembrança as melhores coisas da vida. E não abrir mão de ser feliz. A busca da felicidade já justifica a existência. ■